

“E AGORA, COM OUTRA HISTÓRIA, INDICO O CAMINHO”: AS TRADUÇÕES DE UM FRAGMENTO DE XENÓFANES

Por Adriane da Silva Duarte



Representação de Xenófanés

O *corpus* que nos chegou sob a denominação de pré-socrático é bastante variado e, em vista dos percalços em sua transmissão, de difícil apreensão. O termo “pré-socrático” não só estabelece um *terminus ante quem*, ou seja, antes de Sócrates (c. 470-399 a. C.), cujo nascimento praticamente coincide com o início do período clássico, mas também estabelece uma correlação com um gênero específico, o filosófico. Por mais que seus representantes ainda não sejam percebidos e nem se percebiam enquanto “filósofos”, categoria que passa a existir verdadeiramente “a partir” de Sócrates, ou, mais especificamente, com Platão, é por esse viés que seus escritos são “sobre-interpretados” – e o “sobre” aqui aponta para o fato de que as principais fontes desses autores são indiretas e já trazem consigo uma leitura.

Todo *corpus* fragmentário impõe um desafio imenso seja aos leitores seja aos tradutores. Sobre a dificuldade de traduzir esses pensadores, diz Bornheim (1999: 18), o primeiro a empreender essa tarefa entre nós:

“Devemos lembrar ainda as singulares dificuldades que acarreta uma tradução desse gênero. Para nenhum outro caso da literatura filosófica vale de um modo tão violento a assertiva de que toda tradução é necessariamente uma interpretação. As divergências existentes entre os maiores tradutores permitiram-nos glosar de um modo mais crítico o nosso trabalho de tradução.”

E é interessante apontar como as traduções, elas próprias, contribuem para um comentário do *corpus*, na medida em que cada palavra ilumina o sentido de um todo que é necessariamente parte.

Nessa intersecção entre filosofia e poesia, mirando uma poética da filosofia, proposta para essa mesa, vou examinar um fragmento de Xenófanes de Colofão (c. 565-470 a.C.) e suas traduções brasileiras, a que junto uma de minha lavra. O testemunho de Diógenes Laércio, em *As Vidas e os Pensamentos dos Filósofos Ilustres* (IX, 18, tradução de Daniel Rossi Nunes Lopes em XENÓFANES, 2003:39), nos diz que:

“Escreveu (γέγραφε) em versos épicos, bem como elegias e jambos, contra Hesíodo e Homero, censurando o que eles haviam dito sobre os deuses. Mas ele próprio também foi rapsodo (ῥαψώδεις) de seus poemas. Dizem que tinha opiniões contrárias (ἀντιδοξάσαι) às de Tales e às de Pitágoras, e que atacou (ἀντιδοξάσαι) também Epimênides.”

Se, por um lado, mencionam-se os gêneros poéticos que teria praticado, por outro, enumeram-se os filósofos a quem teria criticado. Na contramão da maior parte dos pré-socráticos, que se expressavam em prosa, Xenófanes adotou o verso, apresentando notável verve polemista. São notórias as suas críticas a Homero e Hesíodo¹, mas ele invectivou igualmente contra Simônides², e, segundo Diógenes Laércio, não poupou Tales, Pitágoras e Epimênides.³ Apesar de compor em versos,

refere-se ao que faz como discurso (fr. 7, *lógos*) ou pensamento (fr. 8, *phrontís*). Ou seja, é evidente que a fronteira entre poesia e filosofia não está bem estabelecida, constituindo Xenófanés um exemplo bem-acabado do sábio do período arcaico. Vieira (2006: 07) se pergunta se “estaríamos diante de um filósofo-poeta”, ao que conclui estarmos antes frente a um poeta-filósofo, “já que somente uma parte de seus fragmentos possui temática filosófica”. Ao questionar as razões por que Xenófanés emprega a poesia e, não, a prosa, Santoro observa (2011: 05):

“Talvez, mais do que nos conteúdos, se deva investigar o efeito pretendido por tais filósofos com suas obras poéticas, um efeito que se queria produzir por meio de uma performance típica para um largo auditório. Afinal, uma recita pública segundo a tradição dos rapsodos declamadores de cantos homéricos, como Xenófanés, devia surtir um efeito bem mais amplo do que uma leitura de estudo privado. Não se pode esquecer tampouco a função mnemônica do hexâmetro; a memória é a base da conservação e da transmissão sapiencial para uma civilização que ainda está em processo de alfabetização. Não é por acaso que nas teogonias, Memória seja esposa do governante Zeus e mãe das Musas inspiradoras”.

Há um bom número de traduções de Xenófanés no Brasil, para o que deve ter contribuído a brevidade de sua “obra”, que chega até nós bem desfigurada. São 41 fragmentos, sendo que apenas os dois primeiros de maior extensão, transmitidos por fontes variadas, sendo as principais, além do próprio Diógenes Laércio, Ateneu (séc. II/III) e Clemente de Alexandria (150/215).

Das traduções brasileiras, encontrei seis, sendo que duas, as Trajano Vieira e Rafael Brunhara, enfocam Xenófanés enquanto poeta, enquanto as demais ressaltam sua contribuição para a filosofia, sendo os próprios tradutores pesquisadores dessa área (com exceção de Anna Lia A. A. Prado, que não sendo filósofa contribuiu para uma obra filosófica). As primeiras, do séc. XX, estão inseridas em coletâneas dos pré-socráticos, de caráter inaugural. Bornheim (1999: 17) declara em nota à edição do volume *Os Pré-socráticos*, de 1967, ter tido a intenção “de preencher uma lacuna das letras filosóficas em língua portuguesa”. As seguintes, já do séc. XXI, ou são exclusivamente dedicadas a ele, como é o caso da plaquete de Daniel Rossi Nunes Lopes e do livro de Trajano Vieira,

ou como no caso de Fernando Santoro, trata-se dele em conjunto com Parmênides, outro “poeta-filósofo”. Destaca-se a presença de Xenófanés na recente antologia *Elegia Grega Arcaica*, de Giuliana Ragusa e Rafael Brunhara, com os fragmentos 1, 2, 3 e 7, 8. Essas traduções, copiladas no Anexo ao final do texto, estão listadas no quadro abaixo

Quadro das traduções brasileiras de Xenófanés de Cólofon:

Gerd Bornheim	<i>Os Filósofos Pré-socráticos</i> , 1967
Anna Lia A. de A. Prado	<i>Os pré-socráticos</i> , 1973
Daniel Rossi Nunes Lopes	<i>Fragmentos</i> , 2003
Trajano Vieira	<i>Xenofanias</i> , 2007
Fernando Santoro	<i>Filósofos épicos I. Parmênides e Xenófanés</i> , 2011
Rafael Brunhara	<i>Elegia Grega Arcaica</i> , 2021

Proponho aqui uma discussão do fragmento 7, elegíaco, cujo interesse filosófico está, segundo Diógenes Laércio, a quem se deve sua transmissão, na alusão que faz a Pitágoras e à teoria da transmigração das almas.

Começo por citar o fragmento em grego e na tradução de Anna Lia A. A. Prado, notando que as traduções, à exceção da de Trajano Vieira, da qual tratarei em seguida, são parecidas e em prosa ou prosaicas. Eis os versos DK 7, citados por Diógenes Laércio (VIII, 36):

[περὶ δὲ τοῦ ἄλλοτ' ἄλλον αὐτὸν γεγενῆσθαι Ξενοφάνης ἐν ἐλεγείᾳ
προσμαρτυρεῖ, ἥς ἀρχή,]

νῦν αὖτ' ἄλλον ἔπειμι λόγον, δείξω δὲ κέλευθον.

[ὁ δὲ περὶ αὐτοῦ φησιν, οὕτως ἔχει:]

καί ποτέ μιν στυφελιζομένου σκύλακος παριόντα

φασὶν ἐποικτῖραι καὶ τόδε φάσθαι ἔπος:
"παῦσαι μὴδὲ ῥάπιζ', ἐπεὶ ἡ φίλου ἀνέρος ἐστὶν
ψυχὴ, τὴν ἔγνω φθεγξαμένης αἵων."

Agora passarei de novo a outro assunto e indicarei o caminho

.....

E uma vez, passando por um cãozinho que espancavam,
apiedou-se, dizem, e falou o seguinte:
Para! Não batas mais, pois é a alma de um amigo
reconheci-a ao ouvir sua voz.

Conforme dito acima, os versos fazem alusão a Pitágoras, que teria reconhecido a alma de seu amigo ao escutar um filhote de cão ganir ao ser surrado. Ao que tudo indica, Xenófanés zomba da teoria da metempsicose, uma vez que Diógenes Laércio o cita entre um verso satírico de Tímon e outros do comediógrafo Cratino, contemporâneo de Aristófanes, todos ridicularizando Pitágoras. Acrescenta Brunhara (2021: 226):

"Na verdade, a elegia parece ser uma sátira a essa doutrina, reforçada pelo tom anedótico (*phasin*, dizem, 2) e pela indistinção entre o mundo animal e o mundo humano, da qual o poeta se vale em seus fragmentos hexamétricos para criticar a falta de verossimilhança na representação antropomórfica dos deuses".

O primeiro verso da elegia traz uma palavra importante no léxico poético, caminho (*kéleuthos*). É certo que o poema trata de alguém que caminha (cf. v.2, *pariónta*, passar junto de), Pitágoras, no caso. Mas o termo surge como complemento do verbo indicar (*deíxo*), conjugado na 1ª pessoa: o poeta mostrará o caminho. O exame da poesia de Píndaro e Baquilídes evidencia o emprego de *kéleuthos* como uma metáfora metaliterária para designar a canção, ou melhor os rumos que toma a composição poética, como se vê, por exemplo no *Epinício* 5. 31, de Baquilídes: "Há trilhas incontáveis (*muría kéleuthos*) rumo a toda parte / para vossa excelência hinear" (na tradução de Ragusa, 2014: 220). Também na *Olímpica* 1.118 de Píndaro lê-se a

expressão “trilha das palavras” Ragusa, 2014: 253), em que há uma variação com *hodón* no lugar de *kéleuthos*.³ Fica claro aqui que o poeta está proclamando sua autoridade para ditar o rumo que o poema deve tomar.

Cabe notar aqui que os tradutores se dividem na tradução de um termo chave no v.1, *lógos*, que tem forte conotação técnica: assunto (Borheim, Anna Lia A. A. Prado), discurso (Daniel N. R. Lopes, Fernando Santoro), história (Rafael Brunhara), sentido (Trajano Vieira) – o outro é *psyche*, alma, que todos, salvo Vieira, que opta por espírito, conservam. Essa última é uma palavra âncora, a que cabe preservar na tradução para que não se mascare o contexto “filosófico”, uma vez que a teoria da transmigração das almas está fortemente associada a Pitágoras. Por outro lado, como observa Brunhara (2021: 227), o começo da elegia sugere uma paródia dos hinos hexamétricos ou, ao menos, um verso formular que indique retomada de um poema: “Eu me lembrarei de ti de novo em outro canto” (αὐτὰρ ἐγὼ καὶ σεῖο καὶ ἄλλης μνήσομ’ ἀοιδῆς).

Dentre os tradutores, Trajano Vieira foi o que mais atentou à qualidade literária do *corpus* xenofaniano em livro de título sugestivo, *Xenofanias* (2006). Tomando “os fragmentos como micropoemas”, deu a parte deles “disposição espacial particular” (2006: 8), recriando-os à luz da estética concretista, contando inclusive com a contribuição de Augusto de Campos em algumas soluções. Também animou alguns deles valendo-se de linguagem computacional na tentativa de “ampliar seu poder de comunicação, revelando a atualidade de um autor banalizado e obscurecido por certos hábitos de leitura da filologia convencional”.

No caso do fragmento 7, Vieira descasca o introito dos dois dísticos subsequentes, dando a eles tratamentos diferentes. O verso de n. 1 (*Xenofanias* XXVI, p. 78-80), isolado de seu “contexto”, é dividido em dois:

persigo outro sentido

cuja senda indico

Nas páginas seguintes, há a leitura gráfica em que os versos vão aos poucos se tornando “concretos”, blocos maciços de palavras que se fundem (cf. Figura abaixo), numa leitura semiótica. As assonâncias em “is” (perslgo, sentido, indlco) e aliteração em “sentido” e “senda”, dotam a tradução de rica sonoridade. Há, contudo, um efeito indesejado, a meu ver, mas podem botar na conta da ranhetice filológica. Assim solto, o verso que provavelmente tinha caráter formular, fica parecendo oracular, para o que contribui muito a escolha vocabular, pois tanto sentido (para *lógos*) quanto senda, evocam uma certa atmosfera esotérica, que está ausente no poema. Por outro lado, ainda há a questão de que o verso foi transmitido por Diógenes Laércio como parte de um poema maior – é o verso inicial, que permite identificá-lo, da obra em que os quatro versos, que lhe interessa citar, estão. Assim, não acho que haja vantagem em desmembrá-lo dos quatro outros que formam o fragmento.



Quanto aos dísticos (*Xenofanias V*, p. 22), Vieira propõe a seguinte tradução:

Testemunha casual do açoite de um cão,
reagiu, coração partido – é o que dizem:
Para! Chega de tortura! Pertence a um amigo
seu espírito! Reconheci-o pelo timbre do grito.

Novamente são as assonâncias e aliteraões que conferem qualidade ao poema, distinguindo essa versão das demais.

À guisa de exercício, apresento agora minha proposta para verter esse poema. João Ângelo Oliva Neto, a partir da experiência de Péricles Eugênio da Silva Ramos e dele próprio, ao verter Catulo, propõe dodecassílabos (alexandrinos) e decassílabos heroicos para a tradução da elegia para o português. Pouco afeita à métrica, que, já de partida, confesso pouco dominar, vou procurar ter em vista a sugestão, explorando igualmente as aliteraões e assonâncias. Quanto ao léxico, ousei prosa (para *lógos*), pensando em evidenciar o contraste entre a forma versificada e o conteúdo, narrativo; verbo (para *epos*), retendo alma (para *psyche*). Para *kéleuthos*, proponho rumo. Quanto à ambiguidade verbal entre 1ª e 3ª pessoa (teria dito, eu ou ele, e quem seria ele?), optei por trazer Pitágoras, nominalmente, para os versos, tornando o fragmento independente do contexto da citação. Eis o resultado:

Com uma nova prosa aprumo o rumo.

Por cãozinho que apanhava passou
Pitágoras e, com o coração partido,
– dizem – soltou o verbo: “Eia, não bate!
Reconheço no ganido a alma de um amigo.

ANEXO: Traduções brasileiras de Xenófanes, fg. 7

- 1) Gerd Bornheim, *Os Filósofos Pré-socráticos* (1967: 32)

Agora falarei novamente de outro assunto e indicarei o caminho.

E conta-se que passava Pitágoras, ao ser castigado um pequeno cão; sentiu piedade e pronunciou as seguintes palavras: “Para de bater! Pois é a alma de um amigo meu, que reconheci ao ouvir os seus gemidos.”

- 2) Anna Lia A. de A. Prado, *Os pré-socráticos* (1973: 60)

Agora passarei de novo a outro assunto e indicarei o caminho

.....

E uma vez, passando por um cãozinho que espancavam,
apiedou-se, dizem, e falou o seguinte:
Para! Não batas mais, pois é a alma de um amigo
reconheci-a ao ouvir sua voz.

3) Daniel Rossi Nunes Lopes, *Fragmentos* (2003: 21)

Agora outro discurso de novo farei, e mostrarei o caminho.

* * * *

E um dia presenciando um cão ser espancado,
dizem que apiedou-se e falou o seguinte:
“Para de açoita-lo, pois é certamente de um homem amigo
a alma; reconheci ouvindo-a gritar.”

4) Trajano Vieira, *Xenofanias* (2007: 79; 22)

persigo outro sentido
cujas sendas indico

Testemunha casual do açoite de um cão,
reagiu, coração partido – é o que dizem:
Para! Chega de tortura! Pertence a um amigo
seu espírito! Reconheci-o pelo timbre do grito.

5) Fernando Santoro, *Filósofos épicos I. Parmênides e Xenófanes* (2011: 27)

E agora, de novo dirigir-me-ei a um outro discurso e apontarei o caminho.
Certa vez, ao presenciar um cão ser enxotado
dizem que apiedou-se e disse esta palavra:
“Para! Não bata, pois é de um homem amigo
essa alma: reconheci o tom do ganido.”

6) Rafael Brunhara, *Elegia Grega Arcaica* (2021: 226)

E um dia, quando passava perto de um cãozinho que espancavam,
dizem que sentiu pena e disse esta palavra:
“Para, não o açoites, que na verdade é a alma de um
Amigo! Reconheci-a, ouvindo o grito!”

NOTAS

1. Fr. 11, “Tudo aos deuses atribuíram Homero e Hesíodo, / tudo quanto entre os homens merece repulsa e censura, roubo, adultério e fraude mútua.” Tradução Anna Lia A. A. Prado, *Os Pré-Socráticos* (1973).
2. Os fragmentos supérstites atribuídos a Xenófanos não atestam tal censura. O fr. 19 atesta que “Xenófanos admirava Tales por ter predito eclipses solares”, e o fr. 20, apenas registra que ele “ouviu dizer que Epimênides alcançou a idade de 154 anos”. Note-se que ambos derivam de Diógenes Laércio. Claro que as referidas críticas poderiam estar em partes de sua obra que se perderam. Quanto a Pitágoras, veremos adiante.
3. Agradeço a Giuliana Ragusa por ter chamado minha atenção para a importância de *kéleuthos* nesse fragmento.

REFERÊNCIAS

- GONZÁLES, C. R. Images del quehacer poético em los poemas de Píndaro y Baquílides. *Cuadernos de Filología Clásica: Estudios griegos e indoeuropeus*, v.33, 115-163, 2002.
- RAGUSA, G. (org.). *Lira grega. Antologia de poesia grega arcaica*. Tradução e comentário por Giuliana Ragusa. São Paulo: Hedra, 2014.
- VIEIRA, Trajano. *Xenofanias*. Campinas: Editora Unicamp/Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2007.
- Xenófanos. Tradução Fernando Santoro. In Santoro, Fernando. *Filósofos épicos I. Parmênides e Xenófanos. Fragmentos*. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2011, 09-51.

Xenófanos. Tradução Rafael Brunhara. In *Elegia Grega Arcaica. Uma Antologia*. Organização, introdução, tradução, comentários e notas de Ragusa, Giuliana; Brunhara, Rafael. Cotia/Araçoiaba da Serra: Ateliê Editorial/Editora Mnema, 2021, 215-229.

Xenófanos de Colofão. Tradução Anna Lia A. de A. Prado. In de Souza, José Cavalcante (org.). *Os pré-socráticos. Fragmentos, doxografia e comentários*. São Paulo: Abril Cultural, 1978 (1ª edição, 1973), 59-72.

Xenófanos de Cólofon. Tradução Gerd Bornheim. In Bornheim, Gerd. *Os Filósofos Pré-socráticos*. São Paulo: Cultrix, 1999 (1ª edição 1967), 30-34.

Xenófanos de Cólofon. *Fragmentos*. Tradução do grego e comentários Daniel Rossi Nunes Lopes. São Paulo: Olavobrás, 2003.

Adriane Duarte é graduada em Ciências Sociais pela Universidade de São Paulo, com mestrado e doutorado em Letras Clássicas pela mesma Universidade. É professora titular da Universidade de São Paulo na área de Língua e Literatura Grega, atuando tanto na graduação como na pós-graduação. Entre seus principais interesses estão teatro e romance antigo, recepção dos clássicos e tradução. Tradutora de Aristófanos, publicou as comédias *As Aves* e *Duas Comédias: Lisístrata e As tesmoforiantes*. Traduziu e apresentou o *Romance de Esopo* e *Quéreas e Calírroe*. Coordena o Grupo de Pesquisa Estudos sobre o Teatro Antigo. É bolsista em Produtividade e Pesquisa do CNPq.